



## **Transculturalidade na Musicoterapia: um relato de experiência de duas Musicoterapeutas na intervenção com Perturbações do Espectro do Autismo**

*Leticia Lima Dionizio*<sup>1</sup>

*Marisa Medeiros Raposo*<sup>2</sup>

*Categoria: Comunicação*

**Resumo:** Este artigo pretende descrever um relato da experiência de duas Musicoterapeutas de culturas diferentes que tiveram a oportunidade de acompanhar as mesmas crianças no arquipélago dos Açores (Portugal): a Musicoterapeuta portuguesa esteve ausente devido a questões de saúde e a Musicoterapeuta brasileira substituiu-a no acompanhamento terapêutico das crianças. Será realçado de que modo denotaram que o seu *background* distinto foi transmitido nas suas sessões de Musicoterapia, a forma como as sessões variam de país para país, transculturalmente, tanto em aspectos musicais presentes, como a questão de se privilegiar mais elementos rítmicos, melódicos ou de textura numa cultura mais do que noutra e também a própria escolha de instrumentos musicais e canções, que pode mudar conforme o contexto identitário, tanto do Musicoterapeuta como do utente. Sugerem-se futuras investigações baseadas no Musicoterapeuta como emigrante e não somente no utente como afastado do seu país autóctone.

**Palavras-chave:** Musicoterapia. Transculturalidade. Emigração. Neurodesenvolvimento. Perturbações do Espectro do Autismo (PEA).

**Title of the paper in English: Transculturality in music therapy: an experience report of two music therapists in the intervention with autism spectrum disorders**

**Abstract:** This article intends to describe an experience report of two Music Therapists of different cultures who had the opportunity to follow therapeutically the same children in the archipelago of the Azores (Portugal): the Portuguese Music Therapist was absent due to health issues and the Brazilian Music Therapist replaced her in the therapeutic monitoring of the children. It will be highlighted how they denoted that their distinctive background was conveyed in their Music Therapy sessions, the way the sessions vary from country to country, cross-culturally, in both musical aspects present, as the question of favoring more rhythmic, melodic, or of texture in a culture more than in another and also the own choice of musical instruments and songs, that can change according to the identity context, both of the Music therapist as of the client. It is suggested future investigations based on the Music Therapist as emigrant and not only on the client as distant from his native country.

---

<sup>1</sup>Graduada, Universidade Federal de Minas Gerais, leticia.limadionizio@gmail.com .

<sup>2</sup>Doutoranda em Ciências da Cognição e da Linguagem, Universidade Católica Portuguesa, marisasilvaraposo@gmail.com



**Keywords:** Music therapy. Transculturality. Emigration. Neurodevelopment. Autism spectrum disorders (ASD).

## Introdução

Neste artigo será apresentado um relato de experiência de uma Musicoterapeuta natural da ilha de São Miguel-Açores, que desde o ano de 2011 defende e propaga a Musicoterapia na sua terra natal e também de uma Musicoterapeuta Brasileira do interior de São Paulo-Barretos, que começou a sua trajetória com a Musicoterapia desde 2013 quando iniciou os seus estudos na Universidade Federal de Minas Gerais.

Essa experiência entre as Musicoterapeutas começou desde Abril de 2018 na Ilha de São Miguel - Açores, devido a questões de saúde a Musicoterapeuta Portuguesa esteve de baixa médica e por essa razão a Musicoterapeuta Brasileira foi convidada a acompanhar algumas crianças com Perturbações do Espectro do Autismo (PEA).

Para que a Musicoterapia tivesse o devido reconhecimento nos Açores e hoje este relato pudesse ser escrito, foi necessária uma ampla divulgação, formação e consciencialização das pessoas em acções públicas, tornando assim possível a procura por atendimentos em Musicoterapia.

O objectivo deste relato é compartilhar com a comunidade Musicoterapêutica esta experiência notável, bem como salientar que até à data não foram encontradas publicações específicas a respeito e que certamente contribuirão para futuras reflexões acerca da prática clínica Musicoterapêutica.

## 1 Fundamentação Teórica

Nos Estados Unidos, a relação terapêutica típica envolve a presença de um terapeuta caucasiano que realiza a sua intervenção com um cliente de um contexto cultural diferente do *background* do terapeuta (ARREDONDO *et al.*, 1996). De acordo com um inquérito efectuado pela Associação Americana de Musicoterapia (AMTA), foi igualmente detectada esta discrepância cultural, sendo que 89,3% dos Musicoterapeutas eram caucasianos, mas 40,5% da população identificou-se a si própria como não-caucasiana no Censo de 2015 nos Estados Unidos (AMTA, 2016; KIM & WHITEHEAD-  
PLEAUX, 2015).



Por conseguinte, parece óbvio que os Musicoterapeutas devem então investir no aumento das suas competências culturais, de modo a abranger um núcleo de clientes tão diversificado e a probabilidade de existirem relações terapêuticas transculturais. As competências culturais estão incluídas na documentação da AMTA e do Conselho de Certificação para Musicoterapeutas (CBMT), embora haja apenas referências muito curtas e simples na documentação, em comparação com outras temáticas (OLSEN, 2017).

Se há diferenças culturais relevantes dentro do próprio país, imagine-se as diferenças para um Musicoterapeuta emigrante, que realiza o atendimento noutra país, que garantidamente tem uma cultura diferente da sua, autóctone.

Não foram encontrados estudos sobre Musicoterapeutas emigrantes e o assunto da transculturalidade; apenas sobre a importância da questão cultural como um dos benefícios da própria Musicoterapia sócio-comunitária com o cliente sendo o emigrante.

As Competências Profissionais definidas pela AMTA servem para informar as habilidades e o conhecimento que é expectável que um Musicoterapeuta tenha, de modo a que seja aprovado no Exame de Certificação - CBMT (2013a). Estas competências abrangem três áreas fundamentais - a música, a clínica e a musicoterapia - e “menos de sete por cento é que estão directamente relacionadas às competências culturais” (OLSEN, 2017, p.2).

A comunidade da Musicoterapia está perfeitamente enquadrada na tarefa de ajudar na inclusão social dos emigrantes na vida cultural e a realidade é que vários Musicoterapeutas aplicaram na sua prática clínica os princípios da inclusão e de dar espaço a todos os indivíduos dentro da sociedade de uma forma detalhada. O Musicoterapeuta Norueguês Ruud teve um papel preponderante de modo a que o seu país alcançasse uma tradição de entender a importância da identidade na relação das pessoas com a música. De facto, a população migrante traz consigo um variado âmbito de recursos quando chegam a um novo país; porém, os mesmos acabam por não ser reconhecidos ou valorizados na sociedade anfitriã, o que é uma situação decepcionante (HUBY, 2014). Do mesmo modo, além de um Musicoterapeuta estrangeiro ter de aprender as características culturais do seu novo país de residência, o seu passado cultural do país-natal também deve ser encarado como algo enriquecedor para as suas experiências profissionais, até porque estudar as interligações entre as culturas



musicais actuais é importante, bem como as suas conseqüentes transformações pelos contactos internacionais no presente (DISOTEO, 2001).

Neste sentido, as linguagens musicais podem agir como mediadores da integração e ao mesmo tempo podem construir interações e bases de interligação que abrem e realçam modelos do conhecimento humano e, primordialmente, permitem redesenhar padrões de comunicação (Cominardi, 2008) (Cominardi, 2014, p.4).

Se a música é uma linguagem universal, apesar das diferenças culturais, então poderá ser a música um veículo ideal para serem partilhados aspectos culturais diversificados, não só do ponto de vista do cliente para o terapeuta, mas também do ponto de vista do Musicoterapeuta para o cliente, como é o caso do terapeuta a trabalhar fora do seu país-natal.

Embora a nossa cultura seja um reflexo do nosso contexto global, ela também está dentro de cada um de nós (RATTS & PEDERSON, 2014), mas o *Eu* é criado a partir de múltiplas identidades que se interligam, assumindo-se a designação de interseccionalidade (HADLEY, 2013). Conseqüentemente, o terapeuta tem a obrigação de realizar uma avaliação a si próprio e à sua identidade multicultural, que inclui raça, classe sócio-económica, etnia, religião, género e orientação sexual (MAHONEY, 2015). Portanto, “a interseccionalidade vai contra a ideia neo-colonial da Musicoterapia com grupos homogêneos e de que os indivíduos são os mesmos dentro de uma identidade” (COMTE, 2016, citado por DONLEY, 2018, p.3).

De acordo com dados apresentados na 10ª Conferência Europeia de Musicoterapia, em 2016, pela AMTA em 2016, pela Região do Meio-Atlântico da Associação de Musicoterapia, em 2017 e pela Federação Mundial de Musicoterapia (WFMT), nas suas duas publicações de 2017 (a,b), foi verificado um interesse gradualmente crescente em temáticas multiculturais na Musicoterapia, como se pôde constatar nos programas das conferências, dos cursos de educação contínua em Musicoterapia e mudanças nos currículos da educação superior. Tal como é expectável, visto ser um assunto relevante, estes temas estão sendo incorporados nas aprendizagens do desenvolvimento profissional, bem como nos programas de treino para Musicoterapeutas e estudantes de Musicoterapia ao nível local, regional, nacional e internacional (DONLEY, 2018).



A conferência nacional da AMTA em 2016 marcou a diferença, pois além de terem sido enfatizadas questões internacionais e multiculturais através dos temas do seu programa, também foi realizada a Sessão de Perspectivas Globais, cujo comitê entendeu de dar continuidade à mesma na conferência de 2017 e continuar esta padronização ao manter esta sessão na conferência do presente ano de 2018, que se realizará em novembro.

Por sua vez, numa perspectiva mais abrangente de países, “o 15º Congresso Mundial de Musicoterapia em Tsukuba, Japão, também conteve apresentações sobre a Musicoterapia multicultural, a Musicoterapia transcultural e aspectos interculturais” (WFMT, 2017b, citada por DONLEY, 2018, p.1).

De acordo com Mahoney (2015) e informações veiculadas pela Temple University, Universidade de Limerick, Universidade Victoria de Wellington e Slippery Rock University, está a verificar-se um empenho para que os programas de Musicoterapia em institutos de ensino superior tenham o seu currículo adaptado e possam incentivar à compreensão dos estudantes acerca de outras culturas. Esta atitude pretende fomentar um ambiente encorajador igualmente para estudantes de origens sub-representadas, como estudantes de culturas indígenas ou estudantes internacionais para estudarem Musicoterapia, o que ajuda a diminuir o padrão actual de uma profissão predominantemente feminina e de raça caucasiana dos seus profissionais. Tal como já foi mencionado, o facto dos assuntos multiculturais estarem simultaneamente presentes em Congressos (10ª CONFERÊNCIA EUROPEIA DE MUSICOTERAPIA, 2016; AMTA, 2016; HADLEY & NORRIS, 2016; WFMT, 2017b), nos cursos de formação contínua americanos (CMTE) e no currículo impulsionam uma exploração da identidade do Musicoterapeuta e de outras culturas, pois os Musicoterapeutas podem explorar a sua identidade cultural e as culturas de outras pessoas usando a aprendizagem multicultural (DONLEY, 2018).

No Brasil foi aprovado em Maio deste ano o Código Nacional de ética, orientação e disciplina do Musicoterapeuta que consta nos seus princípios gerais no capítulo I, Art.8 que “O musicoterapeuta deve trabalhar visando o bem geral do cliente/paciente/usuário atendido, assim como respeitar a cultura na qual o mesmo está inserido” e no capítulo II das responsabilidades, Art.19 “O musicoterapeuta não deve discriminar o cliente/paciente/usuário com base em raça, sexo, género, origem, idade, orientação sexual, grupo social de pertencimento ou questões clínicas e crença”. Paralelamente, no



Código de Ética da Associação Portuguesa de Musicoterapia (APMT), aprovado na Assembleia Geral em julho de 2015 e baseado no código de Ética da Confederação Europeia de Musicoterapia, consta na definição de Musicoterapia que a prática clínica, a educação, a formação clínica e a investigação em Musicoterapia são condicionadas pelos “standards de entidades profissionais e os contextos culturais, sociais e políticos em que são levados a cabo.” No final do Código supracitado, há referência à valorização da diversidade cultural dos Musicoterapeutas:

Na medida em que tal assunto dependa do discernimento e poder de decisão do Musicoterapeuta, os candidatos a programas de formação, potenciais supervisandos, candidatos no processo de acreditação ou financiamento não devem ser discriminados com base na sua raça, credo religioso, grupo étnico, género, orientação sexual ou qualquer outro tipo de incapacidade que não interfira com a sua capacidade de participar em determinado programa.

Atualmente em Portugal, dos cerca de 80 Musicoterapeutas existentes, seis são brasileiros e há também uma cidadã holandesa. Há também conhecimento de dois Musicoterapeutas portugueses a trabalhar no estrangeiro, uma na Inglaterra e um na Catalunha. Estimam-se que existam cerca de mais de 1000 Musicoterapeutas a exercer a profissão no Brasil e desconhece-se o número de Musicoterapeutas Brasileiros a trabalhar fora do seu país de origem.

## **2 Os instrumentos musicais, as canções e as características musicais (ritmos, texturas e timbres)**

Para a realização dos atendimentos de Musicoterapia, é necessária a utilização de instrumentos musicais variados (setting Musicoterapêutico), como instrumentos harmónicos (um teclado e uma guitarra), instrumentos de percussão de pequenas dimensões, como tambores, pandeireta, triângulo, pratos, *shaker*, reco-reco, castanholas, clavas e maracas), instrumentos tradicionais e de sopro (harmónica) e instrumentos indicados para relaxamento (*ocean drum*, *ukulele*). Neste artigo, será destacada a importância dos instrumentos tradicionais, pois estes foram significativos para a prática clínica da Musicoterapeuta Brasileira, que em determinados momentos se sentia à procura da sonoridade “familiar” de instrumentos como o agogô, cabaças e até mesmo instrumentos recicláveis que eram utilizados anteriormente na sua prática clínica no



Brasil. Ainda em relação aos instrumentos musicais, houve aprendizagens ao nível das nomenclaturas diferentes que os instrumentos têm nos dois países (pandeirola em Portugal é designada de pandeiro no Brasil, *shaker* em Portugal é denominado de chocalho no Brasil). Como dá para constatar, há instrumentos que a população portuguesa usa a designação original em inglês e não traduz (*shaker, ukulele*) e outras traduções que não foram realizadas de forma idêntica à do Brasil, como é o caso do *Ocean Drum*, que no Brasil é Tambor do Oceano e em Portugal é designado de Tambor do Mar.

Outro aspecto marcante para a Musicoterapeuta Brasileira durante esse período foram as canções tradicionais portuguesas infantis (“doidas são as galinhas”; “o balão do João”, “era uma vez um cavalo”) e os ritmos que foram necessários de aprender e internalizar durante um período muito curto, aspecto fundamental para que o Musicoterapeuta se consiga conectar com a criança e estabelecer um vínculo terapêutico.

Há igualmente canções infantis tradicionais que são conhecidas pelas duas culturas, como é o caso das canções “o sapo não lava o pé”, “não atirei o pau ao gato” e outras que já são consideradas de conhecimento mais internacional devido aos meios de divulgação na internet “gugudada - as partes do corpo”, “a roda do autocarro” “Old McDonald had a farm” (tradução portuguesa como “Na quinta do Tio Manuel” e tradução brasileira como “Seu Lobato tinha um sítio”). Tanto o facto da Musicoterapeuta Brasileira ter aprendido e usado repertório tradicional português nas sessões como o uso de repertório de conhecimento internacional foi um elemento facilitador para a criação da relação terapêutica de empatia com a criança. Tendo em consideração que as crianças em causa têm o diagnóstico de PEA, ou seja, apresentam tipicamente rejeição à mudança, as canções tradicionais e internacionais podem ter facilitado o processo de aceitação da mudança de terapeuta.

### **3 A motivação para imitar e a forma como a pronúncia da terapeuta influenciou a interação com as crianças**

Já com o vínculo terapêutico estabelecido e as canções interiorizadas, foi possível notar que as crianças demonstravam motivação para imitar a pronúncia estrangeira, o que dessa forma resultava igualmente na aprendizagem de palavras que





não são usuais em Portugal, como “tchau” (em Portugal, no final das sessões e em qualquer despedida, mesmo que breve, usa-se o termo “adeus” e não “tchau”). Houve também palavras que determinadas crianças não verbalizavam com frequência e passaram a fazê-lo com o “novo” sotaque (uma criança passou a cantar o seu nome com fonologia brasileira). Há também expressões / onomatopeias que as crianças começaram a imitar por causa da maior motivação, como “*tum, tum, tum, toca o tambor*” (em Portugal seria “pum-pum” ou “pã-pã”). Foi considerado que as imitações mais frequentes das crianças e com maior acuidade auditiva são reveladoras igualmente de uma atenção sustentada superior nestas sessões, devido à pronúncia diferente, que “desperta” mais a sua curiosidade e promove a atenção focalizada e sustentada.

Estes foram resultados satisfatórios para crianças com PEA, que apresentam dificuldades na interacção social (reduzido contacto ocular, em partilhar actividades musicais, em realizar imitações, quer a pedido quer espontâneas), bem como dificuldades comunicativas (verbalizações e vocalizações com reduzida frequência, que aumentaram ligeiramente com o carácter inovador da pronúncia da terapeuta) e comportamentais (dificuldades de auto-regulação emocional quando expostas a comandos verbais e não-verbais, resistência a regras e actividades estruturadas que exijam a superação e alcance do seu máximo potencial de neurodesenvolvimento).

No entanto, há também um aspecto importante a ponderar neste tópico, que surgiu como uma limitação neste relatório de experiência: a utilização de terminologias de uso comum no Brasil para reforço positivo, como “legal”, “jóia” e “parabéns” durante os atendimentos, palavras estas utilizadas pela Musicoterapeuta Brasileira; porém, estes reforços não surtiam efeito nas crianças com PEA, pois estas têm dificuldade em entender comunicação não-verbal (expressões faciais), não perceberam esses reforços positivos quando eram utilizados, pois não estavam habituadas a esta terminologia que não é usada na cultura portuguesa, levando então a Musicoterapeuta Brasileira à aquisição de novas palavras no seu vocabulário, como as expressões de aprovação tipicamente portuguesas “fixe” e “muito giro”. Em suma, o idioma é o mesmo em Portugal e no Brasil, mas há variantes nas expressões mais usuais que variam de cultura para cultura e isso tem de ser tido em consideração no contexto terapêutico.

#### **4 Considerações Finais**





À semelhança do que está a ser realizado noutros países, seria interessante que Portugal e o Brasil fizessem igualmente um estudo sobre os atendimentos musicoterapêuticos transculturais, tanto no que se refere ao cliente que possui uma cultura diferente da do terapeuta e que pode ser benéfico o trabalho psico-social identitário, sendo relevante a sua cultura nas sessões, como também seria útil o estudo de Musicoterapeutas emigrantes a atenderem tanto no Brasil como em Portugal e que não estejam a realizar a intervenção no seu país de origem, dando uma nova perspectiva sobre a forma como a cultura do seu país-natal influencia os seus atendimentos no país actual de residência.

Os Musicoterapeutas devem explorar a dimensão multicultural ao longo de toda a sua vida, mesmo para além dos contextos de desenvolvimento universitário e profissional. “Durante este processo, os erros são necessários e a humildade cultural deve colocar em ação profissionais dispostos a efectuar aprendizagens multiculturais em todos os níveis” (WHITEHEAD-PLEAUX & TAN, 2017, citados por DONLEY, 2018, p.11).

Numa perspectiva mais generalista, as próprias sessões de Musicoterapia poderão contribuir para promover valores de identidade cultural numa interpretação ampla. A musicoterapia é um lugar ideal para praticar a arte da espontaneidade, pois a mesma constitui uma parte fulcral no trabalho de musicoterapia, com a utilização da improvisação musical. “A espontaneidade é descrita por Moreno como agindo apropriadamente no momento de uma maneira que é fiel a si mesmo” (KRISTOFFERSEN, 2011, citado por HUBY, 2014, p.50). Os actos de espontaneidade poderão então ser, conseqüentemente, afirmações de identidade e poderão ser utilizados como uma “ferramenta muito valiosa na integração, onde os imigrantes devem responder a novas situações, mas podem permanecer fiéis a si próprios” (HUBY, 2014, p.50).

A espontaneidade é muito mais visível nas crianças; porém, os adultos também podem ser beneficiados de forma significativa com a prática da espontaneidade que a musicoterapia poderá despoletar. Por conseguinte, será benéfico para o Musicoterapeuta emigrante poder incorporar de forma espontânea aspectos da sua própria cultura nas suas sessões com clientes no seu país de residência actual, tanto



quanto é importante interligar as suas experiências passadas com a cultura do próprio utente.

Os resultados observados a partir da relação entre a transculturalidade das Musicoterapeutas e nesse caso especificamente com crianças com PEA é inspirador para futuras investigações acerca do tema, contemplando um estudo sistematizado, no qual se possa observar se este factor possui impacto durante o processo musicoterapêutico no que diz respeito à relação social, atenção sustentada, comunicação verbal e não-verbal. A diferença de pronúncia e todos os aspectos culturais subjacentes à linguagem e à forma de estar em relação de um terapeuta de uma cultura diferente da do utente deverão, por conseguinte, ser investigados, sendo interessante de os analisar precisamente quando há dificuldades na relação e na comunicação, duas áreas influenciáveis por aspectos culturais e que são áreas que apresentam comprometimentos nas crianças com Perturbações do Espectro do Autismo.

## Referências

10TH EUROPEAN MUSIC THERAPY CONFERENCE. Disponível em:

<<http://www.emtc2016.at/#contact>>. Acesso em: 01 out. 2018.

AMTA, American Music Therapy Association. **Professional Competencies**. 2013a, November 23. Disponível em: <<http://www.musictherapy.org/about/competencies/>>. Acesso em: : 24 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **AMTA Member Survey and Workforce Analysis** [PDF]. (2016a) 2016. Disponível em: <http://musictherapy.org>. Acesso em: 01 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **Standards for education and clinical training**. 2017b. Disponível em: <<https://www.musictherapy.org/members/edctstan/>> Acesso em:01 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **AMTA 2018 conference**. 2018. Disponível em: <[https://www.musictherapy.org/events/amta\\_2018\\_conference/](https://www.musictherapy.org/events/amta_2018_conference/)>. Acesso em: 01 out. 2018.

APMT, Associação Portuguesa de Musicoterapia. **Código de Ética**. 2015. Disponível em: <<https://www.apmtmusicoterapia.com/c-digo-de-tica>>. Acesso em: 14 out. 2018.



ARREDONDO, Patricia; TOPOREK, Rebecca; BROWN, Sherlon Pack; JONES, Janet; LOCKE, Don C.; SANCHEZ, Joe & STADLER, Holly. Operationalization of the Multicultural Counseling Competencies. **Journal of Multicultural Counseling and Development**. v.24, p.42-78, 1996.

COMINARDI, Claudio. La riprogettazione integrata: Musica creativa e linguaggi sensoriali per gruppi multiculturali nella scuola dell'infanzia [The integrated redesign. Creating Music and Sensory Languages for Multicultural Groups in kindergartens]. **Nuove Arti Terapie**. v.3, p.15-21, 2008.

COMINARDI, Claudio. From Creative Process to Trans-cultural Process: Integrating Music Therapy with Arts Media in Italian Kindergartens: a Pilot Study. **Australian Journal of Music Therapy**. v.25, p.3-14, 2014.

COMTE, Rachel. Neo-colonialism in music therapy: A critical interpretive synthesis of the literature concerning music therapy practice with refugees. **Voices: A World Forum for Music Therapy**. v.16, n.3, 2016. Disponível em: <<https://voices.no/index.php/voices/article/view/2299/2054>>. Acesso em: 05 out. 2018.

DISOTEO, Maurizio. Antropologia della musica per educatori [Anthropology of music for educators]. Milano: Angeli, 2001.

DONLEY, Jessica. Multicultural Experiential Learning: An Approach to Learning, Developing, and Maintaining Multicultural Skills. **Voices: A World Forum for Music Therapy**. v.18, n.2, 2018. Disponível em: <<https://voices.no/index.php/voices/article/view/2533/2291>>. Acesso em: 07 out. 2018.

HADLEY, Susan. Experiencing race as a music therapist: Personal narratives. Gilsum, NH: Barcelona Publishers, 2013.

HADLEY, Susan; NORRIS, Marisol. S.. Musical multicultural competency in music therapy: The first step. **Music Therapy Perspectives**. v.34, p.129-137, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/mtp/miv045>>. Acesso em: 04 out. 2018.

HUBY, Joachim. **Identity and Integration**: A study into the role of cultural identity in the process of integration and the important role music therapy can play in strengthening identity and aiding integration. Oslo, 2014. 63f. Dissertação (Mestrado em Musicoterapia). The Norwegian Academy of Music, Oslo, 2014.



KIM, Seung; WHITEHEAD-PLEAUX, Annette. Music Therapy and Cultural Diversity. In: WHEELER, Barbara (Org.). **Music Therapy Handbook**. New York, NY: The Guilford Press, 2015. p.51-63.

MAHONEY, Emily Rose. Multicultural music therapy: An exploration. **Voices: A World Forum for Music Therapy**. v.15, n.2, 2015. Disponível em: <<https://www.voices.no/index.php/voices/article/view/844>>. Acesso em: 07 out. 2018.

Mid-Atlantic Region of the Music Therapy Association. 2017. 2017 regional conference preliminary program. Disponível em: <<http://mar-amta.org/wp-content/uploads/2015/02/2017MAR-AMTAConferenceCMTEslate.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2018.

Music Therapy at Temple University. (n.d.) MMT. Disponível em: <<https://sites.temple.edu/musictherapy/mmt/>>. Acesso em: 11 out. 2018.

OLSEN, Katie. **Multicultural Music Therapy: Developing Cultural Competency for Students and Young Professionals**. Arizona, 2017. 71f. Dissertação Mestrado em Música. Arizona State University, Arizona, 2017.

RATTS, Manivong. J.; PEDERSON, Paul B.. **Counseling for multiculturalism and social justice: Integration, theory, and application**. Ed.4. Alexandria, VA: American Counseling Association, 2014.

Slippery Rock University. (n.d.). Music therapy: Master of music therapy. Disponível em: <[http://www.sru.edu/academics/graduate-programs/music-therapy-\(master-of-musictherapy\)](http://www.sru.edu/academics/graduate-programs/music-therapy-(master-of-musictherapy))>. Acesso em: 12 out. 2018.

The World Federation of Music Therapy. 2017a. Cultural program. Disponível em: <[http://www.jmta.jp/world/music\\_15/ja/timetable/pdf/culturalprograms.pdf](http://www.jmta.jp/world/music_15/ja/timetable/pdf/culturalprograms.pdf)>. Acesso em: 04 out. 2018.

The World Federation of Music Therapy. 2017b. List of presentations. Disponível em: <[http://www.jmta.jp/world/music\\_15/ja/timetable/pdf/presentations.pdf](http://www.jmta.jp/world/music_15/ja/timetable/pdf/presentations.pdf)>. Acesso em: 11 out. 2018.

UBAM, União Brasileira das Associações de Musicoterapia. **Código Nacional de Ética, Orientação e Disciplina do Musicoterapeuta**. 2018. Disponível em: <[http://ubammusicoterapia.com.br/wpcontent/uploads/2018/07/codigo\\_de\\_etica-orientacao-e-disciplina-do-musicoterapeuta.pdf](http://ubammusicoterapia.com.br/wpcontent/uploads/2018/07/codigo_de_etica-orientacao-e-disciplina-do-musicoterapeuta.pdf)>. Acesso em: 14 set. 2018.



University of Limerick. (n.d.). Irish world academy: Music therapy MA. Disponível em: <<http://www.ul.ie/graduateschool/course/music-therapy-ma>>. Acesso em: 09 out. 2018.

Victoria University of Wellington. (n.d.). World musics and music therapy. Disponível em: <<http://www.victoria.ac.nz/courses/nzsm/521/2017/offering?crn=14292>>. Acesso em: 03 out. 2018.

WHITEHEAD-PLEAUX, Annette; TAN, Xueli. **Cultural intersections in music therapy: Music, health, and the person.** Dallas, TX: Barcelona Publishers, 2017.